

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

Eliane Santana Dias Debus (UNISUL)

RESUMO

Este artigo apresenta a crítica à produção literária de Machado de Assis em dois momentos diferentes: primeiro, no final do século XIX, aquela produzida por Sílvio Romero que, contemporâneo a Machado, construiu seu olhar sobre a obra em diálogo estreito com o tempo de feitura e com a sua presença física, no livro **A história da literatura brasileira**; num segundo momento, debruçamo-nos sobre as construções críticas efetivadas por Lúcia Miguel Pereira que teceu suas considerações pelos idos de 1930, portanto pós-morte, em especial no livro **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. Esses dois olhares distintos sobre o mesmo escritor, num período em que a crítica literária busca consolidar-se, contribuem para a reflexão sobre a recepção e a história da crítica brasileira em seu nascedouro.

Palavras-chave: Literatura. Crítica literária. Machado de Assis.

ABSTRACT

This article presents the criticism about the literary production of Machado de Assis in two different moments: first at the end of the 19th century, that one produced by Sílvio Romero who, contemporary of Machado, built his point of view about the work by a close dialogue with the time of making and with his physical presence in the book: **A história da literatura brasileira**; secondly, we studied about the critical constructions made by Lúcia Miguel Pereira who wrote her considerations by the 1930, therefore post death, in especial in the book **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. These two different points of views about the same author, in a time where the literary criticism tries to consolidate itself, contribute to a reflection about the reception and the history of the Brazilian criticism in its birth.

Keywords: Literature. Literary criticism. Machado de Assis.



No prólogo da quarta edição de **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1881), encontramos uma resposta de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) a duas perguntas que rondavam o leitor crítico da época. A primeira diz respeito à determinação do gênero da obra, questão levantada por Capistrano de Abreu; e a segunda ao questionamento de Macedo Soares sobre a semelhança da obra com **Viagens na minha terra** (1983), do escritor português Almeida Garret.

À primeira pergunta a personagem Brás Cubas responde “a gente grave achará no livro uma aparência de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual”. Quanto ao comentário sobre o uso da obra alheia, afirma sem prúidos a adoção da “forma livre de um Sterne ou um Xavier de Maistre”, afirmando como seu as “rabugens de pessimismo”. (ASSIS, 1994, p. 12).

A fortuna crítica sobre a produção literária de Machado de Assis reflete a leitura realizada pelo leitor de *carne e osso* que, conforme o horizonte de expectativa de seu tempo, acolheu a obra. Nossa intenção primeira é observar como os leitores contemporâneos ao escritor receberam e leram a sua obra, sendo que para isso nos debruçamos sobre o discurso oficial e público da crítica, especificamente no de Sílvio Romero. Num segundo momento, debruçamo-nos sobre as construções críticas efetivadas por Lúcia Miguel Pereira. O primeiro contemporâneo a Machado construiu seu olhar sobre a obra, em diálogo estreito com o tempo de feitura e com a presença física deste; a segunda teceu suas considerações pelos idos de 1930, portanto pós-morte.

O DISCURSO ESPECIALIZADO DA CRÍTICA

Sílvio Romero (1851-1914), Araripe Júnior (1848-1911) e José Veríssimo (1857-1916) compõem o seletor grupo de estudiosos que, debruçados sobre a produção literária de seu tempo, tentaram dar credibilidade ao exercício da crítica no Brasil das três últimas décadas do século XIX e das duas primeiras do século XX. Num esforço de sistematização eles tinham em comum o desejo de organizar e estruturar uma nova linha crítica que se afastasse do predomínio das fórmulas reinantes de caráter impressionista e consolidar as análises dos textos literários sobre bases e critérios científicos.

Segundo Regina Zilberman (1989), a profissionalização da atividade crítica, exigindo um conhecimento criterioso e científico de um leitor especializado, e



as mudanças nas condições de trabalho do intelectual, por meio de veículos que divulgassem essa atividade, são acontecimentos somatórios que confluem para a institucionalização da crítica do entre-séculos, período em que se situam esses estudiosos.

Apesar dos pontos em comum, os três vivenciaram, de forma diversa, a literatura produzida em seu tempo. A partir de 1870 dois núcleos disseminaram as idéias positivistas: em Pernambuco, a Escola de Recife e, em Fortaleza, o grupo denominado “Academia Francesa”. A primeira escola era orientada pelos princípios da concepção literária alemã. Sílvio Romero, seguindo essa orientação, via como produção literária não somente aquelas relacionadas às belas-letas, mas “todas as manifestações da inteligência de um povo” (MONTENEGRO, 1974, p. 12). Dessa forma seus estudos se voltam para a análise dos fenômenos culturais, entre eles o fato literário.

Araripe Júnior aproximou-se das doutrinas veiculadas pelos dois grupos. O tripé de sua crítica, segundo Montenegro (1974), é composto de: nacionalismo, universalismo e metodologia. O mesmo autor observa que, enquanto Sílvio Romero e José Veríssimo se voltam para a síntese, Araripe Júnior concentra-se “nas grandes áreas, obras ou autores de nossas manifestações literárias”. (MONTENEGRO, 1974, p. 14).

Antonio Candido ordena os conceitos correntes no Brasil daquele período em três grupos principais:

os não-estéticos, que refletiam mecanicamente o arsenal da divulgação científica do momento, ou manifestavam a visão desarmada do senso comum; os estéticos, que denotavam interesse pelo mundo específico da obra; os propriamente técnicos, relativos à fatura. (1977, p. XXVI)

O autor afirma que Araripe Júnior manifestou sensibilidade para os dois últimos; José Veríssimo, para o segundo; e Sílvio Romero, quase só para o primeiro.

Ousamos dizer que a *tríade* clássica da crítica brasileira vivia em pé de guerra. Basta tomarmos as críticas pesadas feitas uns aos outros, principalmente por parte do “polemista violento” Sílvio Romero. Em 1885, nos **Estudos da literatura contemporânea**, analisando a quinta fase do Romantismo, discorda da opinião de Araripe Júnior de valorizar sobremaneira “a influência do meio físico



sobre a cultura e ao papel desempenhado pelo índio na sociedade brasileira”. (CANDIDO, 1977, p. 37)

Em 1902 José Veríssimo traz, no **Correio da manhã**, artigo comentando o livro de Sílvio Romero **A história da literatura brasileira**, publicado mais tarde nos **Estudos de Literatura brasileira**; depois escreve um texto questionando e revidando Sílvio Romero, denominado **Alguns Conceitos de Sílvio Romero**, escrito em 5 de novembro de 1906, mas só publicado em 30 de dezembro do mesmo ano com um *Post Scriptum*, afirmando que toda obra do Romero:

da qual o seu discurso na Academia é a última tiragem resumida, está maculada dos mesmos vícios imperdoáveis e já agora irremediáveis, dos quais me vi forçado a pôr alguns de manifesto – ficando-me, entretanto, muitíssimo a dizer. (BARBOSA, 1977, p. 152)

Segundo Antonio Candido, Sílvio Romero supera a si mesmo em violência e desabrimento na réplica a José Veríssimo, em 1909, denominada “Zeverissimações Ineptas da Crítica” (1977, p. XVII).

SÍLVIO ROMERO LÊ MACHADO DE ASSIS

Contemporâneo de Machado de Assis, Sílvio Romero publica, em 1897, seu livro **Machado de Assis**, num período em que o escritor conta com 60 anos de idade e é reconhecidamente uma celebridade de seu tempo.

A edição utilizada para este artigo data de 1936 e é prefaciada por Nelson Romero, filho de Sílvio Romero, que destaca ser o livro uma defesa ao movimento literário do norte, chefiado por Tobias Barreto e José de Alencar. Machado, em artigo denominado “A nova Geração” (ASSIS, 1994), critica os poetas da geração de 1870-1880, entre eles Tobias Barreto. Assim, o texto de Romero é uma resposta àquele.

Sílvio Romero (1936, p.18) nomeia seu trabalho como “Julgamento crítico e prejulgamento – Machado de Assis em seu verdadeiro momento”. Vamos nos deter em quatro tópicos que serão, a partir de agora, delineados: o poeta, o prosador, o humorista e o pessimista.



Romero classifica a poesia de Machado de Assis vazia de conteúdo e, na forma, ocupando posto de 3ª. ou 4ª. ordem no conjunto da poesia nacional, faltam-lhe, segundo o crítico, “as qualidades intrínsecas da poesia: imaginação sonhadora, ou representativa, ou descritiva: emoção profunda, espontânea, original; forma fácil, natural”. (ROMERO, 1936, p. 35)

Para Romero, a obra poética de Machado, em seu conjunto, “é de verdadeiros pastiches sem o mínimo valor psicológico ou social ou artístico” (ROMERO, 1936, p. 38), e o que dificulta uma análise mais aprofundada e crítica da obra deste escritor é a aura que circula sobre sua figura, um “cipoal de lendas e elogios com que admiradores fanáticos e incultos a têm cercado insulando-a do sentir geral da nação”. (ROMERO, 1936, p. 48) Argumenta, ainda, que Machado não foi um poeta inovador e esqueceu em suas poesias o povo brasileiro.

Ao se debruçar sobre a prosa machadiana, o crítico utiliza-se dos “modernos processos de crítica, segundo os ensinamentos de Hennequim, e Faguet”, que o levaram a analisar a obra em seus “elementos capitais”: estilo, humor, pessimismo e tipos (ROMERO, 1936, p. 48).

No que diz respeito ao estilo, critica a não linearidade e a repetição:

Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra [...] repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que nos deixa a impressão dum perpétuo tartamudear. (ROMERO, 1936, p. 55-56)

Analisando o conto Miss Dollar, aponta para o repetir das palavras no texto, nomeando este fato aos tiques do escritor. No entanto, destaca que “Machado de Assis é um notável prosador pela correção, pela simplicidade, pela propriedade das imagens, pelo adequado das comparações, pelo apropriado dos qualificativos. Mas é só isso.” (ROMERO, 1936, p. 60)

Romero vincula Machado de Assis à realidade literária de sua época, que se distancia das coisas nacionais e espelha-se no velho mundo, num eterno macaquear. O humor na produção literária de Machado é vista com menosprezo, pois nada tinha de natural e humano e sim uma imitação dos autores ingleses:

Machado de Assis hoje é fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de juste-milieu literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meio sistemas, agravado apenas com a mania humorística, que não lhe vai bem [...] (ROMERO, 1936, p. 79)

As “atitudes filosofantes” de Machado têm um endereço, pois, segundo Romero, “o artifício é evidente a macaqueação de Sterne” (ROMERO, 1936, p. 84), acusa-o de usar uma “máscara do humor” oriunda da distribuição dos capítulos seguindo o estilo de Laurence Sterne, “Tirem do livro aquela patacoada dos pequenos capítulos com títulos estapafúrdios e aquelas reticências pretensivas, que aparecem a miúdo, e diabos me levem se ali o humor é digno deste nome” (ROMERO, 1936, p. 85). Continuando seu raciocínio sobre o autor brasileiro e o inglês, levanta as características do humor segundo Edmundo Scherer e avalia que Laurence Sterne “é o tipo de escritor humorista e os seus livros são os modelos de gênero, não há no mundo das letras dois homens mais dessemelhantes do que o autor de Ressurreição e o de Tristram Shandy, e não existem obras mais diferentes”. (ROMERO, 1936, p. 91-92).

Como já foi destacado no início deste artigo, Machado, explicitamente, dialoga em **Memórias Póstumas de Brás Cubas** com o escritor inglês Sterne, em especial com seu romance **A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy**, sendo que esse recurso intertextual não é visto com bons olhos pelo crítico.

Parece importante levantar a opinião de Romero sobre a leitura da vida do autor pela obra, principalmente quando analisa o pessimismo na produção de Machado de Assis,

[...] não é possível diretamente responsabilizá-lo pelo modo de pensar desta ou daquela de suas personagens. Não se vai concluir a impossibilidade absoluta de chegarmos a conhecer a índole, a visualidade interna d’alma dos romancistas e dramaturgos. Insurjo-me apenas contra certo método elementar que anda de ordinário a figurar o caráter dos autores como um modelo donde eles extraem as cópias das criações de suas fantasias, em contradição com o princípio da impersonalidade da arte, que é praticada conscientemente por muitos. (1936, p. 113)

E vai além ao dizer que, “no caso vertente, injuriar-se-ia a Machado de Assis, homem grave e honrado, si se viesse a dizê-lo retratado em Brás Cubas ou Quincas Borba ou Rubião”. (ROMERO, 1936, p. 115)

Conclui o texto dizendo que: “Machado de Assis é grande quando faz a narrativa sóbria, elegante, lírica dos fatos que inventou ou copiou da realidade; é menor quando se mete a filósofo pessimista e a humorista caprichosamente engraçado”. (ROMERO, 1936, p. 156). A visão de Sílvio Romero é, sem dúvida, evolucionista e nacionalista e, por isso, ataca Machado.

LÚCIA MIGUEL PEREIRA LÊ MACHADO DE ASSIS

A recepção crítica de Machado de Assis na década de 1930 é marcada pelas comemorações ao centenário de seu nascimento (1939), entre elas estão as produções de Alceu Amoroso Lima, Mário de Andrade e Lúcia Miguel Pereira. Esta última tem seu livro de 1936, **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**, re-editado.

Lúcia Miguel Pereira foi romancista, biógrafa, tradutora e escreveu livros para o público infantil, iniciando suas atividades na crítica literária entre as décadas de 1930 e 1940, no jornal **Gazeta de Notícias** e em revistas como **A Ordem, Lanterna Verde e Revista do Brasil**. De 1934 a 1959 escreveu vários trabalhos que levavam em conta a vida e a obra de Machado de Assis. Seu livro **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico** é considerado por muitos “um dos textos decisivos para a guinada interpretativa de base psicológica, que renovou a recepção da obra de Machado de Assis, e até hoje é considerado um dos clássicos da fortuna crítica do romancista”. (WERNECK, 1996, p. 89)

O livro, como o próprio título sugere, biografiza a produção literária machadiana, quando analisa a obra como reflexo da vida. A primeira edição do livro data de 1936, dividido em 21 capítulos, nos quais a autora transita pela obra de Machado de Assis, via biografia dele, tentando interpretar a vida do autor através de sua obra, pois acredita que aí esteja “a chave desse cofre de segredos” (PEREIRA, 1936, p. 23) que foi o homem Machado de Assis.

É importante lembrar que, nesse período, os ensaios biográficos estão em alta e a estudiosa vê na biografia um caminho para a compreensão da história literária. Segundo Maria Helena Werneck (1996), “a biografia teria uma eficácia didática especial, no momento em que o imaginário do país necessitava de referências precisas para a construção de uma identidade nacional moderna”.

Assim, ao penetrar no “labirinto” da produção machadiana, Lúcia Miguel Pereira o faz com os fios da vida do escritor. Segundo ela, “Apesar dos choques que a cor, essa fatalidade, e a doença, outra fatalidade, lhe suscitariam sem dúvida a cada momento, devia ser feliz”. (PEREIRA, 1936, p. 67) Por várias vezes, afirma serem esses os dois perigos que ameaçavam o escritor, e se utiliza, para reforçar sua afirmação, de um depoimento do próprio Machado à condessa de São Mamed, afirmando ser a mulatice “um simples acidente” (PEREIRA, 1936, p. 69).

A ambição de ascender socialmente, deixando de lado seu passado humilde, faz com que o escritor construa uma personalidade para si, com o objetivo de compensar “as deficiências trazidas do berço” (PEREIRA, 1936, p. 71) e a ambição retratada e justificada pelas personagens de seus romances: Estela, de **Iaiá Garcia; Helena**, do livro homônimo; e Guiomar de **A mão e a luva**.

A autora destaca, ainda, a importância na vida e na obra do escritor da inserção de Machado no jornalismo, em especial a colaboração no periódico **Diário do Rio**, pois “A disciplina da colaboração freqüente, a sensação do contato com os leitores de toda a natureza amadureceram rapidamente esse rapaz de 21 anos” (PEREIRA, 1936, p. 77).

Na análise desta estudiosa, dois pontos se ligam e colaboram para que o livro **Quincas Borba** tenha “saído inferior” a **Memórias póstumas de Brás Cubas**: primeiro o romance foi iniciado em 1886 aparecendo nas páginas de a *Estação*, foi interrompido diversas vezes, só recebendo a forma definitiva em 1891; e o segundo ponto seria não ter sido escrito na primeira pessoa, “Machado, pouco colorido, pouco animador, tendo o seu ponto na vida interior, nos estados d’alma, nas sutilezas de psicologia, estava muito mais a gosto da narrativa direta”. (PEREIRA, 1936, p. 202-203)

A autora aponta, assim, para a perfeição do gênero conto em detrimento do romance:

Nos romances, mesmo nos melhores, as delongas, as intromissões do autor à narrativa é um aspecto indeciso e ziguezagueante, que tem por vezes grande encanto, mas é em outras um tanto maçante. No conto, não. Obrigada a encolher-se, a trama ganha em coesão, em resistência. (PEREIRA, 1936, p. 225)

À GUIA DE FECHAMENTO

Ao trazer para cena a crítica literária do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX sobre a produção de Machado de Assis, constata-se que os estudiosos buscavam firmar em seus discursos uma nova postura frente ao exercício do papel do crítico. E a produção machadiana era um prato cheio. Para Sílvio Romero implicava a opção por um escritor contemporâneo; para Lúcia Miguel Pereira, o fascínio pela vida do escritor estudado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1994.

AZEREDO, Carlos Magalhães. **Homens e livros**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

BARBOSA, João Alexandre (Org.). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1977.

CANDIDO, Antonio (Org.). **Sílvio Romero**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1977.

JÚNIOR, Araripe. **Obra crítica**. (1895 – 1900) Org. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1963. v. III.

MONTENEGRO, Pedro Paulo. **A teoria literária na obra crítica de Araripe Junior**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. 5. ed. Rio de Janeiro, 1936.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. **Machado de Assis**: estudo comparativo de literatura brasileira. Campinas: UNICAMP, 1992.

VERÍSSIMO, José. Machado de Assis In: _____. **Estudos de literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

_____. Machado de Assis. In: _____. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

VIRGILIO, Carmelo (Org.) **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azevedo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**: a escrita das biografias de Machado de Assis. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.